



SANKOFA: O RESGATE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS AFROFUTURISTAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SANKOFA: THE RESCUE OF AFRO-BRAZILIAN CULTURE THROUGH AFROFUTURISTIC EDUCATIONAL TECHNOLOGIES IN TEACHER TRAINING

Luiz Felipe Borges Lima¹
Helena do Socorro Campos da Rocha²

RESUMO: Sankofa: o resgate da cultura afro-brasileira por meio de tecnologias educacionais afrofuturistas na formação de professores” é o tema desta pesquisa que busca ver a aplicabilidade das Tecnologias Educacionais Afrofuturistas no IFPA. O objetivo geral foi analisar as tecnologias educacionais afrofuturistas e suas contribuições para o resgate da cultura afro-brasileira. As tecnologias educacionais afrofuturistas são produtos infelizmente ainda pouco difundidos pelo Brasil, mas que podem vir a ser úteis na formação de docentes antirracistas e que celebrem a ancestralidade negra para todos os alunos, independente de raça. A pesquisa então, mostra o uso de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas como potencial ferramenta lúdica e interessante para um resgate da cultura afro-brasileira na formação de professores, algo que precisa ser cada vez mais discutido. As tecnologias são meios adaptados e flexíveis, permitindo que seja possível trabalhar a variedade de assuntos que a cultura afro-brasileira aborda.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira, Tecnologias Educacionais, Formação de Professores

ABSTRACT: Sankofa: the rescue of Afro-Brazilian culture through Afrofuturist educational technologies in teacher training” is the theme of this research that seeks to see the applicability of Afrofuturist Educational Technologies at IFPA. The general objective was to analyze Afrofuturist educational technologies and their contributions to the recovery of Afro-Brazilian culture. Afrofuturist educational technologies are products that are unfortunately not yet widespread in Brazil, but they could be useful in the training of anti-racist teachers who celebrate black ancestry for all students, regardless of race. The research then shows the use of Afrofuturist Educational Technologies as a potential playful and interesting tool for reviving Afro-Brazilian culture in teacher training, something that needs to be increasingly discussed. Technologies are adapted and flexible means, allowing it to be possible to work on the variety of subjects that Afro-Brazilian culture addresses.

Keywords: Afro-Brazilian culture, Educational Technologies, Teacher Training

1. INTRODUÇÃO

Sankofa é um provérbio de origem africana sobre “não ser ruim voltar atrás e buscar o que esqueceu”. É preciso buscar sabedoria com o passado a fim de um futuro mais agradável e com possibilidades. A cultura afro-brasileira está presente por todo o

¹ Luiz Felipe Borges Lima. Pedagogo. Especialista em Educação para Relações Étnicorraciais. E-mail: lui.felipe.b.lima@gmail.com.

² Helena do Socorro Campos da Rocha- Pedagoga. Mestra em Ensino. Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA campus Belém. E-mail: rochah23@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9395-6276>



país, seja na culinária, nas danças e nos hábitos, porém, necessitada de um olhar mais “sankófico” para ela.

A diáspora africana resultou no compartilhamento e enriquecimento de muitas culturas, influenciando grande parte de como uma determinada sociedade iria se comportar. No Brasil houve uma grande contribuição africana no vocabulário e em comidas típicas, além da formação de diversidade racial pelo país.

Nas instituições que ofertam cursos de licenciaturas, se faz crucial a presença da Educação para Relações Etnicorraciais, já que serão os futuros professores a serem os primeiros responsáveis por manter viva a memória ancestral africana. O mito da democracia racial precisa ser desfeito e cabe a estes profissionais essa tarefa. Essa pesquisa vem, então, analisando como pode ser realizado o resgate dessa cultura afro-brasileira, dentro das instituições que formam educadores, através de um meio didático e inovador: tecnologia educacional afrofuturista.

A forma como o futuro professor dialoga com o mundo é a chave para uma educação de qualidade e focada para as crianças em sala de aula. Paulo Freire, pedagogo e Mestre da educação, frisa em suas obras como é importante que o docente saiba dos contextos em que os alunos estão inseridos e principalmente das bagagens culturais que eles carregam, ou será um ensino vazio de significados.

A cultura afro-brasileira é um plano de grande parte dos brasileiros, já que a mesma está intrínseca ao modo de viver da população, principalmente em regiões como Norte e Nordeste onde a taxa de pessoas negras e pardas é maior do que em outros lugares. É uma bagagem sociocultural que a maioria das crianças já nascem inseridas, sendo importante que o professor dialogue, debata e celebre sobre.

No curso de Pedagogia foi apresentado uma forma lúdica de tratar a temática de educação etnicorracial de forma prática e lúdica para os próprios docentes: tecnologia educacional afrofuturista. Uma ferramenta inovadora e que transforma a sala de aula em um ambiente dinâmico e que estimula a criatividade dos futuros docentes para o tema.

Deste modo, surgiu a possibilidade de se trabalhar com as tecnologias educacionais afrofuturistas que são produtos ricos em conteúdos, versatilidade e criatividade, sendo assim mais maleáveis e fáceis de trabalhar com os discentes das licenciaturas. Além de que por ter um foco em negritude, é uma temática importante a ser dialogada e posta em prática em prol de uma educação antirracista nas universidades.

As tecnologias educacionais afrofuturistas são produtos da utilização de metodologias ativas em sala de aula, para melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a pedagoga e mestre afrofuturista Helena Rocha, as tecnologias educacionais possibilitam “ao futuro docente o exercício da transversalidade da diversidade etnicorracial em sua área de conhecimento” (Rocha, 2020).

São produtos muito bem utilizados durante a disciplina obrigatória de Educação para Relações Etnicorraciais (ERER), na qual a cultura e história afro-brasileira é um dos conteúdos abordados tanto em instituições de ensino públicas como privadas (Brasil, 2003). As tecnologias educacionais afrofuturistas ajudam a potencializar os temas raciais dentro dos cursos de formação de professores.

Ao colocar em perspectiva a ancestralidade negra, as tecnologias educacionais afrofuturistas e a cultura afro-brasileira tornam-se complementares uma à outra em sala



de aula. Entretanto, não existem muitas pesquisas que fomentem essa aliança e deem mais embasamento além das principais publicadas pela pedagoga Helena Rocha.

As tecnologias educacionais afrofuturistas são produtos infelizmente ainda pouco difundidos pelo Brasil, mas que podem vir a ser úteis na formação de docentes antirracistas e que celebrem a ancestralidade negra para todos os alunos, independente de raça. A partir dessas discussões durante a graduação, o futuro docente pode assim dar mais valor às experiências dos alunos, como postula Tardif (2011), e ajudá-los a atribuir um significado para o que estão aprendendo, a partir de suas próprias vivências.

A partir desses pressupostos, essa pesquisa se propõe, então, a responder a seguinte questão: quais as contribuições das tecnologias educacionais afrofuturistas para o resgate da cultura afro-brasileira? Partindo dela, surgem outros questionamentos: existem práticas ou projetos pedagógicos que incluam o uso de tecnologias educacionais em sala? Existem práticas ou projetos pedagógicos que dialoguem sobre a cultura afro-brasileira na formação de professores? Qual a concepção dos professores em formação acerca de tecnologias educacionais afrofuturistas?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Tecnologias Educacionais Afrofuturistas na formação de professores: Afro-inovar em sala

As práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula como meios didáticos e interativos são formas de conectar o aluno ao conteúdo que está sendo proposto. São inúmeros os métodos de se realizar isso, porém, há uma definição precisa para o que é de fato uma prática pedagógica. De acordo com Patrícia Silva, pedagoga e escritora,

Prática pedagógica é a união de teoria e prática no exercício de ensinar e apreender conhecimento, na ação pedagógica. Essas práticas envolvem tomar consciência de todo processo educativo e as ferramentas utilizadas pelos professores para que ele aconteça. (Silva, 2021, p. 119).

Outros autores também discorrem sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, como Maurice Tardif, que a define como

Um conjunto de saberes provenientes de fontes variadas (dos livros didáticos, dos programas escolares, dos conteúdos a serem ensinados, da experiência) divididos em quatro categorias: saberes profissionais, disciplinares, curriculares e experienciais. (Tardif, 2002, p. 98)

Práticas pedagógicas vêm sendo, então, frutos de experiências docentes no objetivo de unir teoria e prática para uma melhor relação do ensino-aprendizagem. Paulo Freire, patrono da educação brasileira e filósofo, discorre em seus vários livros como *Pedagogia do Oprimido* (1968), *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Educação como Prática da Liberdade* (1967), acerca das práticas pedagógicas e de como o professor deve sempre inovar em busca de evoluir nas ações educativas. O autor afirma que é pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática



(Freire, 1997, p. 32), aconselhando os docentes a refletirem sobre as metodologias de ensino em busca de qualificação e possível inovação educacional.

Uma das formas de inovar em educação é por meio de tecnologias educacionais. São meios diversos e flexíveis de aplicar o conteúdo em sala de aula de forma mais dinâmica, um novo jeito de se trabalhar o ensino que possui diversos significados e abrange uma variedade de sinônimos.

Acerca do termo *tecnologia*, é visto no Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa que significa “técnica ou conjunto de técnicas de um domínio particular” (Ferreira, 2004). Vieira Pinto discute o termo como munido de outros caracteres ideológicos, mas sempre centrados na habilidade do fazer e do produzir-se alguma coisa. Para o autor, “a tecnologia então tem origem na prática de uma ação e tem efeito sobre a ligação a que os homens são expostos” (Vieira Pinto, 2005 *apud* Aviz 2021, p. 17).

Estes conceitos, entretanto, acabam por se voltar ao termo que será trabalhado nesta pesquisa, pela similaridade ou por possuírem os mesmos objetivos em comum. Essas ferramentas podem ser chamadas (ou correlacionadas) como Tecnologias Educacionais.

A pedagoga e Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas, Helena Rocha, vem definindo e discutindo em seu artigo “Tecnologia Educacional: instrumentalização para o trato com a diversidade etnicorracial na educação básica” sobre o papel que as tecnologias possuem na sala de aula. A autora acredita que tais produtos agem como mediadores, pois modificam a postura do estudante diante do processo de aprendizagem, obrigando-o a associar um significado relevante para cada signo que for criado (Rocha, 2020, p. 10).

As Tecnologias Educacionais surgem, então, como facilitadoras de processos. Por meio delas é possível um ambiente mais dinâmico em sala de aula e mais centralizado no papel do graduando como futuro educador, aliado a temáticas antirracistas. Helena Rocha (2020, p. 10) acredita que a “Tecnologia propõe caminhos, não exclui os saberes ancestrais e que se relacionam à temática etnicorracial, conforme estabelece o artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e suas Diretrizes legais”.

Porém, nesta pesquisa, o foco será não apenas em Tecnologias Educacionais comuns, e sim nas afrofuturistas. São um tipo específico de produtos e processos educacionais que englobam as metodologias ativas que fazem o trato com a cultura africana e retomam muitos elementos da diáspora para a sala de aula.

De acordo com Luciane Ernesto, pedagoga e escritora afro-brasileira, de pseudônimo Lu Ain-Zaila, o movimento afrofuturista é

uma metáfora afrocentrada realista sobre o verdadeiro reflexo de uma pessoa negra, que precisa experimentar o seu eu enegrecido em essência, seja como escritor ou escritora, leitor ou leitora, compreendendo que é possível e mais do que justo, que protagonize o seu destino ou que crie mundos onde heróis e heroínas de face negra sejam sujeitos da narrativa. (Lu Ain-Zaila, 2019, p. 10)

Por ser um movimento que resgata aspectos do povo preto, um dos seus principais signos é a Sankofa. É um símbolo de lembrança da história afro-americana e afro-brasileira, que recorda os erros do passado para que eles não sejam cometidos novamente



no futuro. Isto é, representa o retorno ao passado para que seja possível adquirir conhecimento e sabedoria. De acordo com Alan Oliveira (2016, p. 10) esse símbolo fazia parte da cultura dos escravizados africanos trazidos de Gana, Togo e Burquina Fasso para o Brasil durante o período colonial. Nesse sentido, os africanos esculpiram uma variação de um ideograma *adinkra*, o Sankofa, como forma de manifestar sua resistência por meio do mantimento da arte e da cultura que traziam de suas origens durante a escravidão (Nascimento, 2009, p. 07).

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua acã da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em akan, “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*” pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu” (Oliveira, 2016, p. 10). É um símbolo de retomada, de resgate.

Atualmente, é um símbolo utilizado em diversas áreas das artes, literatura e audiovisual. No documentário “AmarElo - É tudo pra ontem” (2020) produzido pela *Netflix*, o cantor Emicida utiliza da Sankofa como uma metáfora para reparar a perda da cultura e ancestralidade dos povos afrodescendentes, ocasionada pela escravização, conectando o passado ao presente. Os ideogramas sankóficos também podem ser percebidos materialmente no dia a dia, em estruturas de ferro como grades e portões ou até mesmo nas estampas de alguns tecidos.

Sankofa se interliga às Tecnologias Educacionais Afrofuturistas nesse movimento de retomada da ancestralidade, empoderando professores e alunos negros em sala de aula a fim de oferecer perspectivas de um futuro possível por meio de tecnologias e promovendo a diversidade racial na educação. Se torna um símbolo de resgate afrofuturista com o uso de produtos educacionais.

Como o Afrofuturismo traz questões de história, cultura, valores, estética e empoderamento negro, ele se torna um veículo educacional com grande riqueza de conteúdos. É uma ferramenta interessante para formação de professores em uma perspectiva antirracista, onde eles tenham interesse em futuramente desenvolver aulas que façam o trato com a Educação para Relações Etnicorraciais de forma criativa. Esse trabalho de unir Afrofuturismo e docência, inclusive, já ocorre no Instituto Federal do Pará *campus* Belém, onde os cursos de licenciaturas vem aprendendo sobre cultura afro-brasileira através das Tecnologias Educacionais Afrofuturistas.

2.2 Cultura Afro-brasileira na formação de professores: uma educação negra

O Brasil, desde a chegada dos colonizadores no século XV é um lugar por onde passaram vários povos diferentes que uniram inconscientemente as suas culturas com as dos povos originários que já viviam por aqui. Falar de uma identidade única em um país tão miscigenado e tão diverso é controverso, entretanto, houveram várias tentativas de apagamento social da cultura negra. Entretanto, o legado do povo preto continuou resistindo, apesar de não serem representados de forma respeitosa em livros, na mídia, nas artes, e sofrerem preconceitos e segregação diariamente.

Os seus costumes e suas tradições foram se mesclando a de outros povos, assim como suas religiões e danças também se tornaram patrimônio histórico do país. Medeiros



e Almeida (2007, p.10) afirmam que “falar em uma cultura afro-brasileira implica abordar as lutas sociais, a miscigenação, a discriminação, o sincretismo e a contribuição cultural de um modo geral”. Existe um leque de possibilidades a serem discutidas, resumir apenas a um ponto de vista é tratar essa temática rica de forma rasa e superficial.

O resgate dessa cultura afro-brasileira começa nas escolas, os primeiros espaços de socialização dos futuros cidadãos do país. Entretanto, para se criar uma estrutura sólida é necessária uma fundação tão firme quanto. A importância do diálogo entre diversidade etnicorracial e educação se faz presente justo na capacitação daquele responsável pela instrução dos sujeitos: o professor.

A formação de professores sempre foi um tema recorrente de estudo em vários artigos, livros e publicações, entretanto em poucas se fala sobre como é feito o trato com a temática etnicorracial. Segundo Cléa Ferreira (2009), mestre em Educação, esse apagamento acontece devido

ao fato de que cursos desta natureza ainda são incipientes no quadro educacional brasileiro e só passaram a ter relevância no momento em que obtiveram o status de obrigatórios, instituído pela Resolução nº 01/04 do CNE, que exige a inclusão da temática tanto na formação inicial como na formação continuada de professores (Ferreira, 2009, p. 5).

A Lei 1.639/03 altera a Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana dentro das instituições de ensino públicas e privadas (Brasil, 2003). Esse marco, em teoria, muda as formas de se educar sem excluir a narrativa de que pessoas negras influenciaram a história da formação do povo brasileiro como é hoje. A cultura afro-brasileira e a história da África são temas ricos em conteúdos, podendo ser adaptáveis a qualquer discussão e debate, metodologias e práticas pedagógicas, e é amparada de forma legislativa a ser trabalhada na educação do país.

Os educadores são lidos pela maior parte da população como agentes inovadores e responsáveis pela formação da criança. É esperado que eles saibam trabalhar a partir de novas modalidades e com novas exigências legislativas que surgem a cada ano. Teresa Rego e Giomar Mello, doutoras em Educação, afirmam que

[...] todos atribuem aos professores um papel determinante e crucial, ainda que não exclusivo, para o futuro das sociedades que lutam para alcançar uma educação de qualidade. Consequentemente reconhecem que os debates atuais sobre os processos de construção e implementação de políticas públicas que visam à correção de problemas relacionados à cobertura, qualidade e equidade existentes no campo educacional não podem deixar de privilegiar as questões relativas ao desempenho e formação docente. (Rego e Mello, 2002, p. 23)

Segundo Libâneo (2003) deve-se levar em conta para a formação de professores um apanhado de estudos considerados no contexto social, econômico, político e cultural no qual ele está inserido. Porém, a situação se mostra diferente quando se é uma nova diretriz curricular que vai de encontro a ideias já pré-estabelecidas na sociedade por uma elite branca.



É necessário que o professor tenha a possibilidade de refletir acerca do contexto histórico e social em que vive, a fim de se desconstruir. Cléa Ferreira (2009), afirma que

se tratando de cursos de formação que contemplem a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, espera-se que suas propostas e atividades sejam embasadas numa concepção de formação que priorize o desenvolvimento das habilidades prático-reflexivas do professor. (Ferreira, 2009, p. 11)

No Instituto Federal do Pará *campus* Belém, também são diversas as práticas que relacionam a cultura afro-brasileira a sala de aula. Utilização de pinturas, dança, oficinas, são alguns exemplos citados por Rocha (2020), e que serão discutidos mais a frente.

2.3 Formação de professores para o uso de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas: um futuro afro na docência

A formação inicial dos professores é um processo importante na profissionalização do agente da educação durante os cursos de licenciatura. Vieira, Tanajura e Souza (2020) afirmam em seu artigo “Formação docente, Tecnologia Educacional e Educação Ambiental pós covid-19” que a prática pedagógica em conjunto com as experiências na formação do professor impacta diretamente no trabalho pedagógico que ele realiza e nos resultados de aprendizagens dos seus estudantes.

No Brasil, a formação dos docentes, segundo Bernadete Gatti (2010),

carece de uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação, haja vista a necessidade de se implementar processos formativos que respeitem as necessidades da prática pedagógica docente, o contexto escolar e as demandas advindas da realidade de cada comunidade escolar, reveladas, portanto, no currículo escolar e nos desafios a ele apresentados (Gatti, 2010, p. 22)

É necessário que se tenha uma reformulação no currículo das instituições assim como nas práticas pedagógicas que acontecem nos cursos de formação de professores. As licenciaturas por capacitarem indivíduos que formarão os futuros cidadãos, precisam de diálogos e reflexões sobre negritude, antirracismo e cultura afro-brasileira diante de uma sociedade que foi criada em bases racistas e discriminatórias. Para tal, um meio inovador e que se mostra importante é a utilização de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas.

As Tecnologias Educacionais Afrofuturistas trazem em sua bagagem a cultura africana e afro-brasileira, permeada de futuros e possibilidades inovadoras para os docentes trabalharem em sala de aula após iniciarem sua vida profissional. Na formação de professores, são metodologias ativas que colaboram com a construção de um pensamento antirracista e exercício da criatividade.

Como já visto antes, “Tecnologia Educacional” é um termo com uma variedade de significados a depender do seu contexto. Helena Rocha, pedagoga e referência no assunto, diz que “uma tecnologia educacional é um artefato que intencionalmente tem finalidades pedagógicas e concretiza o conceito vygotskyano de mediação” (Rocha, 2020, p. 11). É correto afirmar, então, que é um mediador em sala de aula, podendo ser usado para despertar interesse no aluno e associar os conteúdos trabalhados.



Entretanto, quando as tecnologias educacionais são atravessadas pelo Afrofuturismo, elas desempenham um papel ainda maior. Rocha (2020), discorre que a narrativa afrofuturista na formação de professores é utilizada como potencializador, a fim de

projetar um futuro possível, que inicia no presente, conectando saberes tradicionais e ancestrais com novas possibilidades engajadas com a ciência e a Tecnologia, para que o futuro professor faça o trato com a diversidade etnicorracial na perspectiva de uma educação antirracista (Rocha, 2020, p. 12).

O Afrofuturismo nas tecnologias educacionais incita o futuro professor a pensar em empoderamento e cultura negra, a discutir e refletir sobre racismo e a planejar conteúdos amparados pela Lei 10.639/03. Schlindwein, Giraldi e Magalhães (2019) discorrem em seu artigo sobre a necessidade do diálogo entre os saberes africanos e a docência, a fim de uma mudança na sociedade.

Precisamos nos fortalecer, desde nossas memórias, saberes e seres, pois quando a periferia da periferia do mundo se levantar, encontrar sua própria história soterrada entre toda a informação colonial, teremos um nascer de um novo dia com a transformação das relações sociais. (Schlindwein, Giraldi e Magalhães, 2019, p. 360)

Deste modo, as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas vêm fugindo do comum e do tradicional na Formação de Professores, oferecendo desafios e experiências únicas. De acordo com Rocha (2020, p. 12), elas fomentam “um olhar sobre a diversidade etnicorracial, pensando a escola e seus sujeitos, oportunizando um olhar para suas trajetórias e expectativas profissionais, além de configurar-se em inspiração para futuras práticas pedagógicas”.

No livro “A formação do pedagogo mediada por Tecnologias Educacionais Afrofuturistas” (2020) é descrito como esta ferramenta possibilitou uma melhoria no ensino-aprendizagem dos futuros professores durante os cursos de licenciatura em Pedagogia no ano de 2019. A autora afirma que a prática docente mediada por metodologias ativas é construída “com base em uma trilha de aprendizagem criativa que combina práticas diversas o que possibilita arranjos e acordos pedagógicos que resultam em interações positivas com o conhecimento” (Rocha, 2020, p. 29).

A autora também relata que os alunos aprenderam e evoluíram de maneira significativa no que diz respeito a conceitos da diversidade etnicorracial, potencializando a criatividade e sagacidade dos alunos em construir Tecnologias Educacionais Afrofuturistas inovadoras e com originalidade, sempre correlacionando a temática da diversidade.

Pode-se afirmar que as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas utilizadas por Helena Rocha em turmas de Pedagogia apresentaram uma forma criativa de dinamizar o processo de ensino, além de desenvolver nos professores em formação um pensamento mais antirracista e aberto a riqueza de conteúdos que a cultura afro-brasileira tem a oferecer. São meios que se utilizados da forma correta, ajudarão e muito na construção de uma sociedade e uma educação com valores mais diversos e com menos preconceitos etnicorraciais.



É necessário, então, que esses produtos educacionais venham a ser mais difundidos e trabalhados nas formações de professores do país. Um ensino antirracista começa desde a capacitação do professor e as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas se mostram como importante aliadas nesse processo, promovendo o resgate da ancestralidade afro-brasileira e estimulando a criatividade e inovação dos futuros professores.

3. METODOLOGIA

3.1 O lócus

O Instituto Federal do Pará (IFPA) é uma instituição de educação básica, profissional e superior, pluricurricular, multicampi e descentralizada, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com a sua prática pedagógica. Há mais de um século, o Instituto mantém o compromisso de ofertar o ensino gratuito e de qualidade para sociedade, cumprindo a missão de promover educação profissional, científica e tecnológica com base cidadã, por meio do ensino, pesquisa, extensão e inovação, colaborando com o desenvolvimento sustentável da região amazônica.

O IFPA conta com cursos de tecnologia, bacharelado e licenciatura, ancorados no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Os cursos de tecnologia focam em aplicações tecnológicas de um campo do conhecimento, a fim de atender demandas específicas do mercado de trabalho. Os bacharelados são voltados para formar profissionais de nível superior com ênfase em atividades de pesquisa e os cursos superiores de licenciatura são focados na formação de professores para educação básica.

O IFPA também oferece programas de pós-graduação, como especialização, doutorados e mestrados, inclusive o de Especialização em Educação para Relações Etnicorraciais. O instituto foi escolhido como lócus de pesquisa por já se ter um contato pré-estabelecido por meio da pós-graduação, facilitando assim o contato com os professores em formação para entrevista.

Além disso, a escolha do IFPA como lócus se dá pela alta produção de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas, um dos pontos centrais da pesquisa. A partir dessas práticas realizadas pelos discentes, seria possível analisar se acontece o resgate sankófico da cultura afro-brasileira.

3.2 O percurso metodológico

A pesquisa teve como objetivo analisar as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas e suas contribuições para o resgate da cultura afro-brasileira no IFPA campus Belém, e de forma mais específica: pontuar práticas ou projetos pedagógicos que incluam o uso de tecnologias educacionais em sala de aula; identificar a existência de práticas ou projetos pedagógicos que dialoguem sobre a cultura afro-brasileira; descrever



a concepção dos professores em formação acerca de tecnologias educacionais afrofuturistas.

Esta pesquisa tem como base uma abordagem mais qualitativa. Segundo Malhotra (2006, p. 104), esse tipo de pesquisa tem como objetivo alcançar a compreensão qualitativa das razões e motivações subjacentes. Essa meta é alcançada a partir da descrição de dados, que, segundo Gil (2010, p. 12), o ato de descrever características de determinadas populações, fenômenos ou experiências é um fator importante na pesquisa, pois funciona como forma de caracterizar o objeto de estudo.

No desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados os dados primários e secundários para dar início e embasamento à investigação.

Os dados secundários foram compilados por meio de uma revisão de literatura em repositórios *online*s de bibliotecas e plataformas que disponibilizam artigos científicos, como periódicos CAPES, sobre a temática. O instrumento utilizado para a coleta de dados primários foi o questionário enviado de forma *online* para os professores em formação das licenciaturas do IFPA *campus* Belém. Segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Gil (1999) ainda completa definindo como

a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (Gil, 1999, p. 128).

Para a formulação das perguntas que iriam ser enviadas aos(as) possíveis entrevistados(as), foi direcionada pela professora orientadora a construção de um quadro de 4 colunas correspondentes a quatro tópicos diferentes: questão problema, objetivo geral, objetivos específicos e questões norteadoras. Após discussões e reflexões, foi criada uma quinta coluna para as perguntas do questionário, alinhadas totalmente às questões norteadoras e aos objetivos específicos. Foram feitas revisões das perguntas para observar se estavam se relacionando também com o objetivo principal da pesquisa e com a questão problema que a nortearia, além de correções ortográficas.

O questionário possuía 09 perguntas. O instrumento foi elaborado a partir da questão problema e das três norteadoras, do objetivo geral e dos três específicos, criando uma tabela com três blocos de 3 perguntas, cada um com perguntas relacionadas à metodologias ativas, cultura afro-brasileira e Tecnologias Educacionais Afrofuturistas. Após isto, o questionário foi dividido em três seções: a primeira para o consentimento livre e esclarecido, a segunda para a identificação pessoal dos estudantes das licenciaturas e a terceira com perguntas da pesquisa em si. Foi enviado para os(as) professores(as) em formação do IFPA *campus* Belém primeiramente através de uma carta digital com um link, pelo e-mail, que consta no apêndice.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas: entrevista e análise, como meio de tornar a pesquisa mais fácil e fluída de se realizar. A construção de etapas é baseada no tipo de pesquisa exploratória, “onde é necessário definir o problema com maior



precisão, identificar cursos relevantes de ação e obter dados adicionais para desenvolver uma abordagem” (Malthora, 2006, p. 106).

A primeira etapa foi a da entrevista com os alunos das licenciaturas, viabilizadas pelo questionário *online*. Na entrevista foram levantados temas como metodologias ativas, práticas pedagógicas atravessadas pela cultura afro-brasileira e Tecnologias Educacionais Afrofuturistas. Através disto, pretendeu-se compreender qual a concepção dos discentes acerca de tais assuntos e como eram realizados e aplicados durante os cursos de formação. A segunda etapa foi a análise de dados. Nesta etapa, buscou-se entender como se dá o trato com a cultura afro-brasileira nos cursos de formação de professores e se utilizam de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas para tal, por meio dos materiais coletados, entrevistas realizadas com os discentes, análise de livros e PPCs dos cursos e relatos de professores que ministravam disciplinas relacionadas aos temas.

Na análise de dados obtidos no questionário, buscou-se também não identificar os(as) entrevistados(as), para garantir e preservar seu anonimato perante às respostas dadas na entrevista. Por isto, optou-se por identificá-los(as) como A1, A2, A3 e assim sucessivamente, conforme o número de respostas.

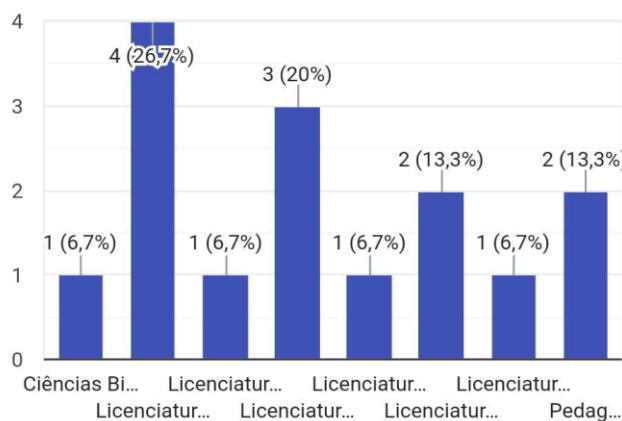
4. RESULTADOS

4.1 O trato com as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas no IFPA

4.1.1 A identificação

A pesquisa foi realizada a partir de um questionário online criado na plataforma *Google Forms*, um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo *Google*, e enviado por meio do *e-mail* para os(as) professores(as) em formação que cursam licenciaturas no IFPA campus Belém em formato de carta como consta no apêndice. Das 15 respostas obtidas, 6,7% foram de alunos(as) que cursam Ciências Biológicas, 26,7% de Geografia, 26,7% de Matemática e 40% de Licenciatura em Pedagogia.

Figura 01: Gráfico dos cursos dos(as) entrevistados(as)

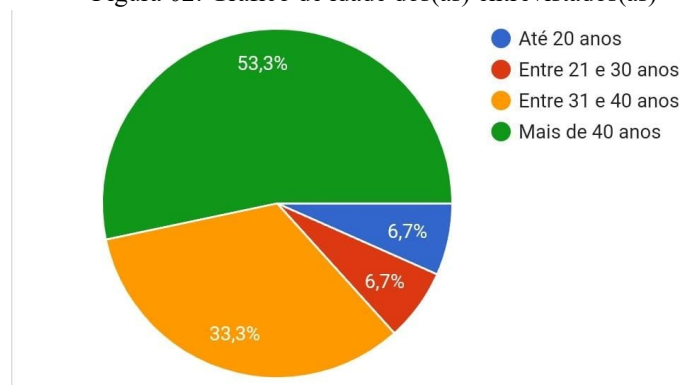


Fonte: autoria própria



A idade dos entrevistados(as) é majoritariamente de 40 anos para cima, com cerca de 53% de discentes, mostrando que metade das respostas são feitas por pessoas que possuem uma visão de mundo diferenciada dos mais jovens e com outras experiências de vida, principalmente em relação a questões etnicorraciais.

Figura 02: Gráfico de idade dos(as) entrevistados(as)



Fonte: autoria própria

4.1.2 A formação de professores para as tecnologias educacionais

O ponto de partida da pesquisa se deu com a averiguação da existência de práticas ou metodologias que viessem a utilizar as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas na formação de professores. Para isto, inicialmente, era necessário saber se houveram utilização de metodologias ativas e ferramentas lúdicas durante o curso.

Quando perguntado se durante as disciplinas do seu curso, houve utilização de ferramentas lúdicas, as respostas foram as seguintes:

A1: Sim. Logo no início do curso utilizamos uns joguinhos infantis online, para uma tarefa na aula de FTMD de Artes.

A2: Sim. Jogos, dinâmica e didática-pedagógica.

A3: Sim. Houve uma dinâmica da disciplina LBD, utilizando garrafas com cores diferentes, representando os níveis educacionais.

Isso mostra que a utilização da ludicidade e criatividade acontecem na formação inicial de professores, seja por meio da gamificação ou de outras estratégias mais práticas. De acordo com Winnicott (1995 apud Modesto, 2014, p. 15), o lúdico é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. Derdyk (1989 apud Modesto, 2014, p. 16) complementa quando observa que a ação criadora que envolve o jogo possibilita uma série de relações que por vezes não conseguimos unir a outras atividades convencionais da sala de aula.

Acerca do conhecimento sobre e o uso de metodologias ativas na sala de aula, as respostas foram as seguintes:

A1: Sim, são formas de ensino que leve os participantes a debaterem e refletirem juntos a situação, e se for o caso, propor soluções. Vários professores já fizeram uso.



A2: Sim. São estratégias de ensino que têm por objetivo incentivar os estudantes a aprenderem de forma autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais, realizando tarefas que os estimulem a pensar além, a terem iniciativa, a debaterem, tornando-se responsáveis pela construção de conhecimento

A3: Acredito que não ou faz-se ausente na minha memória no momento

A resposta de A3 faz-se pertinente quando diz que não sabe se foi realizado o uso de metodologias ativas, quando justamente ele cita uma anteriormente, mostrando que é preciso tratar do assunto com mais insistência nas licenciaturas. As metodologias ativas são “como uma possibilidade de ativar o aprendizado dos estudantes, colocando-os no centro do processo, em contraponto à posição de expectador” (Diesel, Santos e Neumann, 2017, p. 09). Desse modo os alunos do IFPA passam a assumir uma postura mais crítica e autônoma que farão deles profissionais mais capacitados.

Quando perguntados se já conheciam as tecnologias educacionais e como teriam sido trabalhadas em sala, responderam:

A1: Sim. Na disciplina de Avaliação Educacional, produzimos tecnologias que nos fez refletir bastante a melhor maneira de avaliar nossos futuros alunos. E em Tecnologia Educacional produzimos tecnologias para que os alunos aprendessem algum determinado assunto de forma lúdica

A2: Sim. Leitura, interação entre as pessoas e até entre grupos.

A4: Sim. Como recursos aplicados para melhorar o processo de ensino aprendizagem em sala de aula

Chohfi e Oliveira (2014, p. 334) afirma que ao utilizar a tecnologia a favor da educação de qualidade, contribuímos na promoção do desenvolvimento socioeducativo, além da socialização do saber e da informação pelo aluno. As respostas culminam no ponto em que as tecnologias educacionais vêm como potencializadoras em sala de aula, melhorando o processo de ensino-aprendizagem. É interessante avaliar as exemplificações das tecnologias que foram pertinentes na formação desses futuros professores, como sendo utilizadas na avaliação e chamadas também de recursos educacionais.

4.1.3 A cultura afro-brasileira na formação de professores

Após ser visto como são introduzidas as tecnologias educacionais na formação de professores, era preciso analisar de que forma a cultura afro-brasileira era trabalhada. Perguntados sobre como percebiam a presença da cultura afro-brasileira durante as disciplinas dos cursos, responderam:

A4: Acho que a cultura afro-brasileira aparece somente em disciplinas específicas para esse fim, como Afrofuturismo, educação étnico racial, mas não vejo integração nas outras disciplinas como um todo, infelizmente.

A5: Nas disciplinas de Relações étnico raciais, Afrofuturismo aplicado à educação e Tecnologia educacional. Também é possível perceber em outras disciplinas mais de maneira superficial.

A6: Praticamente só com os professores especialistas na área, ademais há uma ausência do assunto nas disciplinas estudadas.



Através dessas respostas é possível perceber a carência do tema etnicorracial, que é amparado por lei, em sala de aula. É preciso que o trato com diversidade racial se faça presente não somente em disciplinas específicas, mas durante todo o trajeto de formação.

Há uma insistência em discutir e internalizar a Lei 10.639/03 nos currículos e nas práticas de ensino-aprendizagem das instituições de ensino e como postulado por Matos, Bispo e Lima (2017, p. 357) “exige dos negros e não negros a revisão de conceitos, e tudo aquilo que expresse uma postura não condizente com o respeito à diversidade”. É necessária a fala e a discussão do tema de forma transversal nas disciplinas ofertadas nos cursos de licenciatura.

Quando questionados se já participaram de algum projeto no IFPA que envolva a temática etnicorracial, responderam o seguinte:

A4: Ainda não, porém gostaria de participar.

A5: Sim. Fizemos uma pesquisa dentro do Campus do IFPA, onde abordava essa temática e foi muito importante ouvir os relatos a esse respeito.

A6: Não, somente de Seminários, mas que foram extremamente importantes para meu desenvolvimento de aprendizado acadêmico e pessoal.

Os professores em formação deveriam ter como um dos objetivos serem mais participativos em projetos ou grupos de pesquisas que envolvam diversidade etnicorracial. Entretanto, com a maioria das respostas negativas que mostram o contrário, surge a importância de se debater em sala o tema para que desperte interesse.

Sobre um momento da sua trajetória no curso (sala de aula, estágio, PIBID, Residência Pedagógica, etc.) que eles perceberam a necessidade das questões etnicorraciais na sua formação, relataram:

A1: Percebi durante uma aula de Étnico-raciais em que foi falado sobre a violência obstétrica em mulheres negras.

A3: Reconhecimento histórico para não repassar informação errada para os outros e combate do racismo ou de situações racistas em sala de aula quando aparecer no momento ou de estágio ou quando eu ocorrer quando estivermos atuando o profissionalmente de fato no chão da escola

A7: Mesmo antes de minha entrada na graduação já via essa necessidade e durante o processo de ingresso na graduação só reforcei ainda mais o quanto esse assunto ainda precisa ser debatido e ter sua visibilidade, pois crescemos e vivemos num país em que a cultura do racismo ainda está enraizado na sociedade de uma forma muito gritante e absurda e precisamos ter uma postura de olhar o outro como pessoa e não se importar com cor da pele, todos somos da raça humana, isso é que deveria importar

A partir das respostas de A1 e A3 é possível perceber que quando o tema é trabalhado com qualidade ele muda a forma de ver dos alunos e o faz voltar atenção para uma temática rica em conhecimentos e importância.

4.1.4 Tecnologias Educacionais Afrofuturistas na formação de professores

Neste item, buscou-se verificar quais as concepções e usos que as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas tinham nos cursos de licenciatura dos entrevistados até aquele momento. Quando perguntados o que sabiam do termo “Afrofuturismo”, responderam:



A1: Seria utilizar-se da espiritualidade, tecnologia, religião etc, que fazem parte da cultura afro e propor uma nova roupagem, ou seja, reinventar a história com mais otimismo.

A2: Um aprofundamento da cultura afro.

A3: Pessoas visitantes com culturas afrodescendentes.

As respostas indicam diferentes concepções do que seria o movimento, que de certa forma estão alinhadas com a proposta do mesmo. Cultura afro, tecnologia, religião e o reinventar da história estão presentes nas características do Afrofuturismo. Lu Ain-Zaila define o movimento como

uma metáfora afrocentrada realista sobre o verdadeiro reflexo de uma pessoa negra, que precisa experimentar o seu eu enegrecido em essência, seja como escritor ou escritora, leitor ou leitora, compreendendo que é possível e mais do que justo, que protagonize o seu destino ou que crie mundos onde heróis e heroínas de face negra sejam sujeitos da narrativa. (Ernesto, 2019, p. 10)

Quando questionados se eles sabiam o que eram as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas, responderam:

A1: São tecnologias educacionais que nos levam a enxergar que existem muitos grupos que ficam à margem da sociedade.

A2: Não.

A5: Sim. Tive o primeiro contato com o termo agora no sexto semestre com a disciplina Afrofuturismo, antes disso não conhecia. Conhecer e ler sobre o assunto é essencial pra nossa formação.

Apenas A1 respondeu que conhecia as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas, a definindo como um meio de dar destaque a pessoas que são invisibilizadas por uma sociedade com um racismo estrutural ainda muito forte. Essas tecnologias também vêm como uma ferramenta de visibilidade, trazendo não apenas questões estéticas, mas também de empoderamento de alunos e alunas negras. As Tecnologias Educacionais Afrofuturistas também podem ser lidas como

instrumentos de justiça social, dado seu acesso pela educação, fato este que persiste em seu trabalho e integra sua práxis docente, contribuindo, dessa forma, para mitigar desigualdades formais e materiais históricas, revelando o que tentam velar (Paes apud Rocha, 2020, p. 8).

Quando perguntados se já haviam produzido alguma Tecnologia Educacional Afrofuturista, os entrevistados negaram ou disseram que ainda estão no processo. O IFPA é referência no que diz respeito a esse tipo de produção, com disciplinas específicas para tal, como será visto mais a frente. Entretanto, se faz necessária uma maior divulgação dos professores e interesse por parte dos discentes para a construção de tecnologias que venham promover a cultura afro-brasileira.

4.2 Disciplinas e projetos de pesquisas inovadores sobre tecnologias educacionais no IFPA campus Belém: passos em direção ao futuro

O Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará (IFPA) - Campus Belém é referência na produção de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas nas licenciaturas. Por meio de disciplinas como Educação para Relações Etnicorraciais



(ERER) e Tecnologias na Educação, os discentes são instruídos e estimulados a desenvolverem tecnologias que sejam inovadoras e façam o trato com o tema afrofuturista.

Por meio de uma pesquisa no *site* do IFPA *campus* Belém, foi possível a análise de quais eram as disciplinas ofertadas que envolvessem tecnologias educacionais, cultura afro-brasileira e Afrofuturismo. Para isto, realizou-se uma leitura do Projeto Pedagógico de Curso das licenciaturas que os alunos informaram no questionário que faziam parte: Pedagogia, Ciências Biológicas, Geografia e Matemática.

O Projeto Pedagógico de Curso (PPC) é a identidade do curso, indicando sua fundamentação e concepção. Segundo o Glossário dos Instrumentos de Avaliação Externa do INEP, o PPC é o

Documento que representa o planejamento e organização do curso, sendo insumo formal e estruturante da oferta de serviço de ensino. Possui parâmetros que orientam o cotejamento entre o realizado e o almejado para um curso de graduação, em diferentes aspectos. Deve refletir as condições concretas de oferta de um curso de graduação, observados seus elementos constituintes e previsões estabelecidas no âmbito do curso, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais (INEP, 2019).

No PPC do curso de pedagogia, são informadas as metodologias ativas que os professores utilizam dentro do processo de ensino, como o uso da gamificação, sala de aula invertida, seminários, criação de produtos educacionais, *lettering* dentre outras, sendo embasados por uma transposição didática. Acerca das disciplinas obrigatórias, é dito que durante dois semestres se tem uma sobre Tecnologia Educacional e outra acerca de Educação para Relações Etnicorraciais (ERER). Há a oferta de uma disciplina sobre Produto Educacional, sendo optativa.

A ementa da disciplina Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) pode incluir temas como: fundamentos das relações raciais na sociedade brasileira; Identidades culturais; Desigualdades de classe, gênero e etnicorracial; Políticas públicas e ações afirmativas; Orientações pedagógicas; Papel do currículo e das práticas pedagógicas; Reflexões históricas sobre as relações raciais no Brasil; Conceitos iniciais: Raça, Etnia, e Racismo; O mito da democracia racial; Preconceito, Estereótipo, Racismo Estrutural. etc. É uma disciplina importante de se manter no currículo escolar pois agrega ao futuro docente saber como se comportam as estruturas raciais do país, a história que embasa o racismo no Brasil e como combatê-lo de forma efetiva. A disciplina Tecnologia Educacional vem para dar ainda mais conteúdo e relacionar teoria com prática, já que através dela é possível criar produtos educacionais que venham formar cidadãos antirracistas por meio do brincar.

No PPC do curso de geografia, está incluso a construção de maquetes e produtos pedagógicos como parte das metodologias aplicadas em sala de aula para uma dinamização do ensino. No de matemática, está exposta a importância das metodologias ativas como meio de fixação de conteúdos, assim como no PPC de ciências biológicas.

No que diz respeito à grade curricular, os cursos citados se assemelham uns aos outros ao ofertarem a mesma disciplina de Educação para Relações Etnicorraciais, com a



diferença de uma disciplina optativa chamada Laboratório de Tecnologias Educacionais apenas no curso de matemática.

Na ementa da disciplina de ERER, estão descritos alguns conteúdos que virão a ser trabalhados. Além de analisar a implementação da Lei 10.639, é realizado estudos das contribuições dos indígenas à história e cultura brasileira e na Amazônia, incluindo os diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira. Também é feito o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira. É analisado o papel do negro e do indígena na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Durante os cursos de licenciatura do IFPA *campus* Belém, a professora Helena Rocha, ministrante das disciplinas, descreve em “Tecnologias Educacionais para a Formação de Professores” (2020) como utilizou metodologias ativas e tecnologias educacionais afrofuturistas para aproximar os professores em formação do conteúdo proposto. Ela cita o uso de *lettering*, ilustrações, gamificação, nuvem de palavras, infográficos e histórias em quadrinhos e diz como todo o processo foi importante na construção de futuros docentes não somente criativos e inovadores, mas também antirracistas.

Rocha (2020) também informa e pontua em seus livros algumas Tecnologias Educacionais Afrofuturistas desenvolvidas nos cursos das licenciaturas de geografia e matemática. Tecnologias como “Afroterritorialidade”, “Bayo”, “Geográfica”, “Shisima”, “Mancala Fracionário” são alguns dos exemplos criados nos cursos de Geografia e Matemática.

A Tecnologia Educacional Afrofuturista “Afroterritorialidade”, por exemplo, é interessante pois guia o aluno pela cultura, história e tradições da África de um jeito lúdico. Segundo Ivo Paes (apud Rocha, 2020), tudo isso através de um jogo de tabuleiro que objetiva capacitar discentes para melhor compreenderem tal importância das grandes trocas multiculturais entre o mundo e o continente africano através dos séculos.

Entretanto, no IFPA *campus* Belém, no que diz respeito a projetos de pesquisa e extensão, as Tecnologias Educacionais Afrofuturistas não se fazem tão presentes. Por meio de uma pesquisa nos editais e cadastros no site do instituto, limitando-se somente aos anos de 2020 a 2024, foram encontrados uma quantidade mínima de projetos que tenham relação com o conceito de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas em sala de aula. A partir dessa revelação, a pesquisa se delimitou a citar pelo menos os projetos encontrados que tenham relações com metodologias ativas e Afrofuturismo, temáticas similares e que se encontram no objeto de estudo deste trabalho.

No que diz respeito a metodologias ativas, foram encontrados dois projetos de pesquisas. O primeiro, do ano de 2022, é do professor Pedro Paulo da Silva, chamado “A gamificação como estratégia de ensino de física”, com a colaboração de quatro discentes da licenciatura em Física. Rocha (2020) aponta meios de utilizar a gamificação com afrofuturismo na formação de professores através das tecnologias educacionais. A autora também cita que a gamificação é interessante na educação pois “captura dos jogos a sua essência, ou seja, os elementos e mecanismos que proporcionam ao usuário maior motivação e engajamento” (Rocha, 2020, p. 20).



O segundo projeto de pesquisa, do ano de 2020, é de autoria de Carlos Alberto da Rocha, chamado “Desenvolvimento da Tecnologia Educacional de biologia “Biodiversidade: genes – espécies – ecossistemas” como Tecnologia de Informação e Comunicação”, com a colaboração de dois discentes.

Em relação ao movimento afrofuturista foi encontrado um projeto, do ano de 2021, de autoria da professora Helena Rocha, chamado “O Movimento Afrofuturista enquanto potencializador da Ciência, Tecnologia e Sociedade na Formação de Professores”, com a colaboração de dois discentes. Acerca do Afrofuturismo na formação de professores, Rocha (2020) postula que o movimento

se constitui em uma narrativa que se apresenta como uma possibilidade que foge das narrativas tradicionais vivenciadas na Formação de Professores fomentando um olhar sobre a diversidade etnicorracial, pensando a escola e seus sujeitos, oportunizando um olhar para suas trajetórias e expectativas profissionais, além de configurar-se em inspiração para futuras práticas pedagógicas (Rocha, 2020, p. 12).

A partir disso, é necessário maior envolvimento dos docentes em desenvolver projetos de pesquisas com um olhar voltado a Tecnologias Educacionais Afrofuturistas dentro do campus. Apesar da vasta produção em disciplinas nas licenciaturas, essa grande quantidade de trabalhos não se reflete no âmbito de extensão e pesquisa.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Quais as contribuições das tecnologias educacionais afrofuturistas para o resgate da cultura afro-brasileira? Foi esta questão problema que norteou o trabalho a fim de procurar uma resposta, ao longo dessa pesquisa.

Os resultados obtidos permitiram uma análise de, não somente observar como o processo de inserção das tecnologias educacionais afrofuturistas se dá na formação de professores, mas também em como está sendo feito o trato com as educações etnicorraciais. Os professores não trabalham de forma completa com as tecnologias educacionais durante o curso e somente em disciplinas específicas os discentes possuem acesso ao debate etnicorracial e suas demandas na educação.

Sobre a utilização de metodologias ativas dentro de sala de aula, foi visto que os docentes possuem contato com formas diferentes de fazer educação, seja por meio de produtos educacionais, gamificação ou a partir da confecção de materiais lúdicos, durante o curso. Entretanto, este contato ainda perde um pouco do seu significado quando o lúdico leva somente em conta o prazer e a diversão sem mostrar um propósito. A fala de alguns alunos leva em conta não saberem o que seriam essas metodologias ativas mesmo já construindo algumas, ou seja, é essencial um diálogo e explicações mais incisivas sobre o tema antes de aplicá-lo na prática.

As tecnologias educacionais também necessitam de um diálogo sobre sua importância e, pelas respostas dadas na entrevista, isso ocorre em sala de aula. Os entrevistados foram bem consistentes e conscientes em falar sobre o papel que as tecnologias educacionais possuem para o ensino. A importância de se criar meios



diferenciados e atrativos deve ser debatida em cursos de licenciatura, já estimulando os futuros professores a pensarem em formas de evoluir a educação e romper com o modo mais tradicionalista de ensinar.

Acerca da história e da cultura afro-brasileira, o assunto é tratado de forma superficial ou até mesmo nem trabalhado em sala de aula. De acordo com a pesquisa realizada, alguns discentes ainda possuem visões ainda limitadas ou errôneas sobre a cultura afro-brasileira que carecem de uma formação maior sobre o assunto. Um tema tão importante quanto esse necessita perpassar pela trajetória do curso, entretanto, é apenas trabalhado em disciplinas específicas. A visão da história e do que a comunidade negra agregou para o país não deveria ser limitada apenas a algumas matérias.

Os entrevistados que já haviam feito as disciplinas que debatiam a cultura afro-brasileira na atualidade relataram que houve uma mudança de pensamento sobre como viam o assunto. Ter um diálogo é necessário para transformar visões de mundo, principalmente sobre temas etnicorraciais. A partir disso, se dá combustível ao sentimento de incluir essas questões nos ambientes educacionais e debater a importância de respeitar e celebrar o negro, como foi visto na pesquisa.

A concepção dos licenciandos sobre o que é o Afrofuturismo envolve religião, cultura e aprofundamento, o que de fato está presente no movimento. O Afrofuturismo é um movimento que perpassa pela ideia de um futuro negro, e consigo ele carrega elementos importantes para o povo preto. Na educação, o resgate sankófico que o movimento traz ajuda a empoderar crianças pretas que se sentem não representadas nos livros didáticos ou na sociedade em si.

As Tecnologias Educacionais Afrofuturistas vêm auxiliando nesse processo de retomada da cultura afro-brasileira para dentro de classe, de uma forma mais lúdica e interessante não somente para as crianças, mas para os professores. Os entrevistados demonstraram conhecimento sobre o que seriam e discorreram sobre como essas tecnologias dão visibilidade a pessoas que tem sua contribuição para a história apagada ou menosprezada.

No IFPA campus Belém, os cursos de formação de professores estão bem encaminhados, entretanto, precisam de mais estímulos quanto a criação de projetos voltados para a produção de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas e de um maior trato com a temática etnicorracial em disciplinas não específicas para tal. Alunos negros não deixam de existir quando o assunto não é racismo, por isso é importante destacar as invenções ou ideais da ancestralidade e o papel do povo negro em diversas disciplinas.

A pesquisa então, mostra o uso de Tecnologias Educacionais Afrofuturistas como potencial ferramenta lúdica e interessante para um resgate da cultura afro-brasileira na formação de professores, algo que precisa ser cada vez mais discutido. Como já demonstrado em capítulos anteriores, as tecnologias são meios adaptados e flexíveis, permitindo que seja possível trabalhar a variedade de assuntos que a cultura afro-brasileira aborda.

Sankofa é sobre buscar aquilo que se perdeu, sejam nossas raízes ou conhecimentos ancestrais. Essa jornada sankófica é importante, não somente para mostrar a não-negros que as pessoas pretas contribuem para a cultura, mas para o pertencimento. Saber o seu lugar no mundo, a ancestralidade que carrega consigo e os simbolismos de



seu povo é como ter a missão de continuar um legado para as novas gerações, construindo com sabedorias passadas. Para os jovens negros que serão educados por professores que possuem esse ideal em mente, será como ter uma identidade e a promessa de um futuro melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia de; AGUIAR, Fernando José Ferreira. Uma reflexão sobre o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a formação de professores em Sergipe. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1771>>. Acesso em: 28/05/2024.

AVIZ, Anderson da Silva. **Tecnologias Educacionais e a Geografia**: experiências na formação inicial de professores. IFPA. Belém. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 28/05/2024

DIESEL, A.; SANTOS BALDEZ, A. L.; NEUMANN MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017. DOI: 10.15536/thema.14.2017.268-288.404. Disponível em: <<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>> Acesso em: 07/08/2024

ERNESTO, Luciene “Lu Ain-Zaila” Marcelino. **Afrofuturismo**: O espelhamento negro que nos interessa. 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/STDILTEC/Downloads/Afrofuturismo-o-espelhamento-negro-que-nos-interessa.pdf>>. Acesso em: 20/05/2024.

FARIAS, Carla Cristina Goulart. **Jogo Puxando Conversa** - Conhecendo sobre os povos africanos e afrobrasileiros. UERJ. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2004, 2120 p

FERREIRA, Cléa Maria da Silva. Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: nova tendência, novos desafios para uma prática reflexiva. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 3, n. 5, p. 224-239, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/11516>>. Acesso em: 01/02/2025.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1997

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ.Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302010000400016&lng=pt&nm=iso>. Acesso em: 27/05/2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INEP. **Glossário dos Instrumentos de Avaliação Externa**. 2019. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/apresentacao/glossario_3_edicao.pdf>. Acesso em: 12/06/2024

LIMA, Heloisa Pires; VASCONCELOS, Águida Maria Araújo de; MELO, Willivane Ferreira de. **O fio d'água no quilombo: uma narrativa do Zambeze no Amazonas**. São Paulo: Prumo, 2012.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCHI, Sandra Aparecida. **Por um ensino de várias cores: formação de professores à luz da história cultura afro-brasileira e africana**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. 2016..<<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/12618>>.

MEDEIROS, Angela Cordeiro. ALMEIDA, Eduardo Ribeiro de. História e Cultura Afro-brasileira: possibilidades e impossibilidades na aplicação da lei 10.639/2003. **Revista Ágora**, Vitória, n. 5, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/1907/1419>>. Acesso em: 01/02/2025.

MODESTO, Monica Cristina; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2014. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Monica.pdf>. Acesso em: 01/02/2025.

MUNANGA. Kabengele. **Lei 10.639/03: depoimento**. [São Paulo, fevereiro 2005] Entrevistador: Fábio de Castro. Disponível em: <<http://www.reportersocial.com.br/entrevista.asp?id=60>>. Acesso em: 28/05/2024

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira**. ed. São Paulo, SP: Selo Negro Edições. 2009



NERY, Heloisa Baptista. **Produto educacional**: Da escola para o mundo. UNESP. 2023.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **Sankofa**: a circulação dos provérbios africanos: oralidade, escrita, imagens e imaginários. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília. 2016. <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/20735>

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2018. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/36895>> Acesso em: 19/05/2024

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

REGO, Teresa Cristina; MELLO, Guiomar Namó de. **Formação de professores na América Latina e Caribe**: a busca por inovação e eficiência. Editora Unesco. Brasília, Distrito Federal, 2002.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. **Tecnologias Educacionais Afrofuturistas na Formação de Professores**. IFPA. Belém, 2020c.

SCHLINDWEIN, Ana Lara; GIRALDI, Patricia Montanari; MAGALHÃES, Arthur Fleury. Caminhos decoloniais ao lado de severino: por uma educação insurgente através de morte e vida severina. IN: CASSIANI, Suzani; VON LINSINGEN, Irlan (orgs.). **Resistir, (re)existir e (re)inventar a educação científica e tecnológica**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2019.

SILVA, Kellen Carolina Vieira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O Afrofuturismo como forma de representação cultural**. EMIcult, São Luiz Gonzaga, v. 2, 2016.

SILVA, Patricia Amorim da. Prática pedagógica dos docentes. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano, v. 6, p. 117-125, 2021. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogica-dos-docentes/amp>>. Acesso em: 01/02/2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VERRANGIA, Douglas. A formação de professores de ciências e biologia e os conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira. Magis, **Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 6, n. 12, p. 105-117, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2810/281029756007.pdf>>. Acesso em: 01/02/2025

VERRANGIA, Douglas. Educação científica e diversidade étnico-racial: o ensino e a pesquisa em foco. **Revista Interações**. 2015. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/636>> Acesso em: 01/02/2025

VIEIRA, Andrea CARVALHO; MACHADO, Célia Tanajura; DE SOUZA, Diogo



Onofre Gomes. Formação docente, tecnologia educacional e Educação Ambiental pós-pandemia da Covid-19. **Revista Sergipana De Educação Ambiental**, v. 7, n. Especial, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revisea/article/view/14402>>. Acesso em: 01/02/2025

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2016.